

Relações falhadas e casamentos felizes,
dinheiro e carreiras de sucesso, amizades que acabam em amor.
O retrato de uma geração que, aparentemente, tinha tudo para ser feliz.

HOMENS HÁ MUITOS

ROMANCE

FRANCISCO
SALGUEIRO

7.^a
EDIÇÃO

10 000 exemplares
vendidos

OFICINA
DO LIVRO

Ficha Técnica

Título original: Homens há muitos

Autoria: Francisco Salgueiro

Capa: António Belchior

ISBN: 9789895556847

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2003, Francisco Salgueiro

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

PÁGINA DOS BEIJINHOS

O primeiro vai para a Isabel Stilwell

O segundo para a Ana

O terceiro para a Mariana

Os outros, que se misturam com abraços, vão para todos os que lêem as minhas crônicas na *Notícias Magazine* e para os que me ajudaram a construir a base de mails.

Agora chega de sentimentalismos e vamos lá começar com isto.

um

Olá

- Confesso-te que gemi. Quando senti que ele estava quase a vir-se, disse «Ohh... que bom». Fingi que tínhamos um orgasmo simultâneo. Inspirei-me no canal dezoito. Foi um belíssimo «Ohh... que bom». Se algum produtor de cinema tivesse ouvido, de certeza que me convidaria para fazer dobragens de filmes pornográficos. Estar ali, com ele em cima de mim, foi tão excitante como descascar amendoins. E sabes o que fiz no final? Dei-lhe uma festinha na cara e um beijinho na testa!

- Vocês já namoram há quanto tempo? Cinco anos não é?

- Estamos quase com seis anos de namoro. Fazemos seis no dia um de Junho. É incrível como já passou tanto tempo! Enfim... mais uma noite de sexo, em que o meu prazer ficou fechado por detrás de uma porta blindada.

- Mas diz-me lá: por que finges que tens prazer quando estás com ele? Por que gastas os teus sons e gemidos com uma pessoa que te dá bocejos na cama? Por que não acabas com ele de uma vez por todas? Para teu bem, e para meu também.

- Não consigo. Ele é muito meu amigo e acha que sou a mulher da vida dele. Não posso decepcioná-lo. Os meus pais adoram-no. Nós somos quase como irmãos.

- Se ele é como se fosse teu irmão, então és uma incestuosa.

- Não... não sejas parvo. Sabes que já tentei separar-me dele, mas acabo sempre por voltar para a segurança da nossa relação.

Desculpem-me... vou ter de interromper este diálogo. Sei que não é habitual cortar uma conversa a meio, mas garanto-vos que não vão perder nada de especial. Eu sou o Bernardo. Tenho trinta anos. Cabelos castanhos. Olhos verdes. Um metro e oitenta e setenta e cinco quilos.

Daqui a uns dias vão saber isto e muito mais sobre mim.

Aquela rapariga que não pára de falar chama-se Madalena. É a minha melhor amiga. Gosto muito dela e é muito querida. Mas, francamente, alguém que lhe meta um bocado de juízo naquela cabeça, porque eu desisto.

Já tentei explicar as coisas por palavras, gestos, desenhos, sombrinhas chinesas e até lhe dei electrochoques... bem, na realidade não, mas vontade não me tem faltado.

Até agora tive tanto sucesso como as participações portuguesas nos Jogos Olímpicos. Eu explico-vos o problema dela: tem vinte e nove anos, um metro e setenta e dois, gira, olhos verdes, um sorriso de bebé, inteligente e os cabelos... bem, davam para fazer um anúncio a um shampoo suave e com frutos.

Namora com o João há quase seis anos. Esta parte já sabem.

Antes de conhecê-lo tinha acabado uma relação complicada, com um homem extremamente dominador e possessivo. Estava fragilizada e precisava de alguém que conseguisse controlar facilmente.

E trucas, apareceu-lhe este tipo à frente. Passivo, completamente desinteressante, tanto física como intelectualmente, mas que nunca a iria magoar. Porreiro para fazer o luto da relação anterior. Só que, o que deveria ter durado apenas umas três semanitas, já vai em quase seis anos.

O problema é que ela já está tão acomodada à relação que não consegue sair dela. Dêem-me só um minuto. Deixem-me dar atenção ao que a Madalena está a dizer, para ver se é algo relevante.

- ... bem sabes que tentei acabar com o João por duas vezes. Tu és minha testemunha que tentei. Só que a segurança que ele me dá é muito importante para mim...

Nada de novo. Esta parte já ouvi para cima de uma tonelada e meia de vezes. De certeza que ao longo dos próximos tempos também vão presenciá-la muitas mais. A Madalena é rica. O Tio Patinhas ao lado dela é um sem-abrigo. Educada nas melhores escolas, perdão colégios. Católicos claro, e os pais criaram-na como se fosse uma princesa para quem está predestinado um príncipe encantado.

Só que já percebeu que príncipe encantado só há um e está na cama com a Branca de Neve. Por causa disso, prefere a segurança da relação com o João do que procurar um homem que a preencha. Tem medo que mais nenhum goste dela como ele.

Ok, basicamente tem um cagaço do caraças de ficar sozinha. Está a chegar aos trinta e a fase do tic-tac-tic-tac já se faz ouvir: quer casar, muitos filhos e o relógio biológico diz «despacha-te».

Ainda por cima as tias, as verdadeiras, e as amigas dos pais, estão sempre a perguntar-lhe pelo casamento. O João já foi aprovado com certificado de qualidade, por isso o guião de vida que os pais prepararam para ela está a correr muito bem... pelo menos para eles.

Por isso anda infeliz, miserável. Mensalmente, aliás semanalmente tem exactamente esta conversa comigo, excepto a parte sexual que é a primeira vez que oiço. Muito provavelmente daqui a uns meses irá anunciar que

se vai casar. Coitada. Eu não tenho má vontade contra ele mas se o conhecessem, de certeza que teriam a mesma opinião.

Durante a relação com o João teve dois casos. Como é óbvio fiquei muito triste com ela, porque em seis anos de namoro com este tipo, e só ter tido dois casos é uma lástima. Quando começou com cada um deles pensou que seria o homem ideal para esquecer o João. Mas pouco tempo depois acabou por regressar para ele.

Os cornos dividem-se em dois tipos: a) o activo, que berra, ameaça, risca o carro, é mais chato do que uma carraça em dia de fome e às vezes é possuído pelo gene Gisela-Masterplan e dá uns murros, b) o passivo, que se faz de vítima, diz não conseguir comer quando ela o abandona, vomita e vai chorar para o colo da mãe. O João é o corno passivo e deu-lhe sempre as boas-vindas de regresso. Acho que ele deveria mudar o nome para Otário.

E para já é isto. Vamos regressar à conversa com a Madalena.

- ... não sei mesmo o que hei-de fazer. Não me consigo libertar dele. Mas também não consigo viver sozinha.

- Madalena vamos sair. Estou farto de estar aqui. E tu precisas de apanhar ar fresco nesses neurónios, senão daqui a um bocado transformam-se num néon que diz «Avariados por excesso de uso».

dois

Uma rapidinha na Kapital

São três da manhã. Chegámos à Kapital. A porta parece o metro do Rossio às sete da tarde de uma sexta-feira de Inverno.

Há uma discussão gigante entre o porteiro e um casal que veste roupa que estava na moda no século dezoito. Os cabelos deles parecem um manjerico podre e até aqui à distância sente-se um ligeiro odor. Ainda por cima estão cheios de azar porque os genes não foram nada simpáticos para eles.

A Madalena continua a dizer que: a) adorava ter forças para se separar definitivamente do João; b) eu tenho toda a razão quando lhe digo que está a perder os melhores anos da vida dela com um homem cujas conversas são menos interessantes do que uma disquete estragada e c) que tem um comportamento sexual que dá sono.

Entretanto já entrámos e fomos para o andar do meio.

- Olha - interrompo-lhe o discurso. - Está ali o Tiago. Embora lá.

O Tiago é um grande amigo meu. Profissão: engatatório. Nas horas vagas é corretor. Nasceu há 29 anos com um único objectivo: sacar mulheres. A cabeça dele é orientada pelas hormonas que estão em permanente orgia dentro do seu corpo. Alvos: qualquer rapariga com mais de dezasseis anos. Limite: quarenta. Mas abre uma excepção se as plásticas estiverem bem feitas. Tem um livro onde escreve as frases de ataque mais arrasadoras alguma vez inventadas na Via Láctea.

São pérolas que deveriam ser consideradas património da humanidade e expostas na Torre do Tombo, à

temperatura certa com os níveis de humidade regulados.

Metade fica completamente convencida que aquilo é mesmo genuíno. As outras olham para ele como se fosse um marciano com tuberculose e mantêm-se à distância. O importante é ir para casa acompanhado. Mais borbulha, menos borbulha, a coisa segue.

- Bernardo, pá. Estás bom? Madalena minha querida... a tua beleza deixa-me sem palavras. Peço-te. Dá-me dez cêntimos.

- Para quê?

Tóina. Já o conhece há mais de cinco anos e ainda cai nestas coisas.

- Para ligar ao teu pai e perguntar onde foi roubar tanta beleza - responde-lhe o Tiago, ao mesmo tempo que olha para ela com o sorriso número trinta e três, versão James Bond na fase Pierce Brosnan.

- Como?! Mas como é que é possível!?!? Explica-me como é que existem mulheres que acham graça a essas coisas!?! Pior ainda, como é que há mulheres que ficam seduzidas por frases que vocês ensinam uns aos outros nos balneários do rugby?! - pergunta-lhe ela irritada.

- Querida Madalena - continua ele. - Quando te irritas, os teus olhos são como um farol que me indicam a origem do paraíso.

- Arrrggggghhh. Vou à casa de banho.

- Eh-eh-eh. Ó Bernardo, o que é que se passa com ela hoje? O Joãozinho teve de ir jantar com a mamã?

O Tiago também não tem paciência para o João, que para a família dele e amigos mais próximos se chama Jó. A mãe ainda o trata por Jójó. O tipo já tem trinta! Caramba! O João faz parte daqueles homens que daqui a vinte anos vai aparecer nas fotografias da *Caras*, rodeado de amigas

amareladas, com tom de solário, que só se dão com ele porque tem imenso dinheiro.

- Meu amigo - e pôs o braço em cima do meu ombro. - Como é que te está a correr a noite? Hein? Queres que eu te apresente alguém? Conheci umas miúdas de vinte e um anos, muito fresquinhas. Queres ir até lá?

- Para quê? Dar-lhes o biberon?

- AH! Meu grande malandro. Assim é que eu gosto de ouvir-te falar. Dar-lhes o biberon...

- Não era isso que eu queria dizer. O biberão não é...!!!

- Pois, pois. Isso é o que todos dizem. Olha ali para aquela morena.

- Qual? - respondo-lhe com tanto interesse como se ele estivesse a perguntar-me se prefiro fósforos de ponta vermelha ou castanha.

- Aquela com calças pretas justas e grandes mamas. Junto ao balcão. Ao lado daquela loura que tem a boca torta mas que deve fazer grandes bicos.

- Já a engataste? Vais engatá-la? Ou deu-te com os pés?

- Então?!?! Os ursos ursam, as formigas formigam e as mulheres caem sempre ao pés do Tiago. Quantas é que já viste recusarem uma noite, uma tarde, ou uma manhã comigo?

- Algumas.

- Não, não... a essas fui eu que lhes dei um pontapé. Nunca nenhuma mulher me deu uma tampa - afirma o Tiago num misto de irritação e real convencimento do que está a dizer. - Olha lá bem para ela. Só tem qualidades. Primeiro: é podre de boa. Segundo: é podre de boa. Terceiro: é podre de boa. Como vês, nota dez da cintura para cima. E outros tantos da cintura para baixo. Mas a pontuação pode aumentar vertiginosamente sem roupa.

- Mas então por que é que estás aqui a perder tempo? Vai lá sacá-la.

- Não sei. Estou indeciso entre ela e aquela ruiva que está ao pé das escadas. Gosto sempre de confirmar se o que está na montra condiz com o que ficou guardado no armazém. Se tivesses de escolher, por qual é que optavas?

- Olha... escolhia uma mulher que para além de ser gira e boa, conseguisse articular expressões que não fossem só preciosidades do estilo «o teu carro é fantástico», ou «ganhas mesmo bem».

Alguém acabou de pegar no meu braço e arrasta-me... uns cinco metros. O que é isto? Um furacão? Um tornado? Não, é só a Madalena furiosa.

- Hei... tem calma, ainda estás assim por aquilo que o Tiago te disse?– pergunto-lhe.

- Não! Achas?! Tenho de me ir embora.

- Mas ainda agora cá chegámos.

- Eu sei, mas acabei de receber um sms do João a dizer que se sente muito sozinho e que precisa de mim.

- Está só porque quer. Ele é que não quis vir connosco!

- Eu sei, eu sei. O que queres que eu faça? Ele não suporta esta nossa a... bum... bum... de...

Começou a música e já não vai dar para convencê-la a ficar.

- ESTA NOSSA QUÊ?

- AMIZADE. É MELHOR IR-ME EMBORA. AMAN... BUM... BUM... BUM... FONO-TE.

Dá-me um beijinho na cara e pisga-se.

Volto para junto do Tiago. Subitamente não me apetece estar ali com ele.

três

Encontro ao luar

«We wish you a merry christmas... we wish you a merry christmas»... mas que música é esta? Que horas são? Oh raios, ontem à noite esqueci-me de desligar o telemóvel. «... and a happy new year.» Não vou atender, não vou, não vou. São dez da manhã. Parou de tocar. Parou. Viva. Agora vou virar-me lentamente para o outro lado da cama e voltar a dormir. Sim, dormir, isso mesmo... estou quaaaaaassee... «We wish you a merry christmas... we wish you a merry christmas.» NÃÃÃÃO!! Quem me está a ligar a estas horas? Hoje é domingo. Dia de descanso. Será que alguém partiu uma perna? Terá caído um avião? É melhor atender.

- Estouuu... - gemo irritado.

- Olá Bernardo.

- Madalena! Sabes que horas são? Sabes que dia é hoje? A resposta à primeira pergunta é dez. A resposta à segunda é domingo. Isso diz-te alguma coisa?

- Acorda dorminhoco. Está um dia lindo. Vamos almoçar ao Guincho.

- Primeiro: estou bêbedo de sono. Segundo: desde Janeiro que digo que vou mudar o toque do telemóvel. Ainda não o fiz e acordaste-me ao som do «We wish you a merry christmas» em plena Primavera. Terceiro: tu tens namorado. Faz-me um favor, telefona-lhe e convida-o para ir contigo. Que tal? Por que não o acordas às dez da manhã de domingo?

- Porque é mais divertido ir contigo. Vá lá. Não sejas assim. Há um restaurante giríssimo que a Carlota diz ser o máximo. Vá lá.

Raios! Ela sabe que eu não resisto quando faz aquela voz. Não consigo descrevê-la. É como se fosse um íman a chamar por mim. Uma sereia a dar-me beijinhos. Uma fada a acariciar-me. Eu vou resistir. Eu vou. Eu quero dorm...

- Vem lá. Gostava tanto - continua ela.

Estou a começar a ceder. Não pode ser. Quero dorm...

- Falo contigo um bocadinho sobre o Benfica.

- Ok. Passo por tua casa à uma e meia. Até já.

Adormeço. Uma hora. Acordo. Ainda há muito tempo. Adormeço de novo. Outra hora.

AHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH. Que horror! Sonhei que estava a beijar a Madalena! O que é que se passou comigo? E ainda por cima era nos lábios! E de boca aberta! Tenho de me levantar já e tomar banho.

Estou no Golf a caminho de Cascais pela marginal. «We wish you a merry christmas... we wish you a merry christmas.»

- Estou?

Mas por que é que atendo sempre o telefone a perguntar se estou? É claro que estou. Se não estivesse, não atendia.

- Quero que respondas sim às minhas três próximas perguntas. Já acordaste? Vens a caminho? De certeza?

- O que é que me dás em troca? - respondo-lhe.

- Olha... livras-te de ser apedrejado com moedas de dois euros.

- Como se tivesses coragem.

Desliguei o telefone e fui ter a casa dela. Claro que antes de desligar disse até já e mandei beijinhos.

Vinte minutos mais tarde. Estou no meio dos pinheiros da Quinta da Marinha. Há sempre três regras para cumprir na casa da Madalena: 1) tratar os pais dela por tios; 2) não dizer mal do João; 3) só dar um beijinho. Basta não cumprir apenas uma, aliás, meia, para qualquer pessoa estar completamente lixada. Ah, e claro, não se pode dizer lixada, pá, caraças, fónix, e todas as palavras que foram inventadas no eixo Damaia-Amadora-Buraca.

Hoje não me apetece lá entrar. Ainda não consigo articular duas frases de seguida sem gaguejar. Estão perras de tanto sono. Estou a mandar-lhe um toque para o telemóvel. Já aí vem.

– Olá.

A Madalena entra no carro e dá-me um beijo... aliás um beijinho. Segundo ela a palavra beijo é equivalente a uma lata de atum fora de prazo.

– Então, vamos?

– Se me disseres onde fica esse magnífico restaurante que fez com que me acordasses às dez da manhã.

– Chama-se Rola na Areia. Segue as minhas indicações. É muito simples.

Aliás, para a Madalena tudo na vida é muito simples. É herdeira de alguns milhões. É relações públicas de todas as empresas da família. Nunca teve de mudar um pneu, e a primeira vez que andou de metro foi aos vinte e cinco anos em Nova Iorque.

Tem tudo para ser insuportável e matá-la poder ser considerado um bem público, com direito a condecoração com uma medalha. Mas, vá-se lá saber como, é muito querida, superinteligente e bastante divertida. Na vida dela é tudo muito simples, excepto o relacionamento com o João.

Chegámos ao restaurante.

- Então... ontem ficaste até muito tarde na Kapital? - pergunta-me enquanto acena a todos os portugueses que entram no restaurante.

- Por que é que não te candidatas a presidente da Junta de Freguesia da Quinta da Marinha? Ganhavas de certeza. Maioria absoluta. Aliás, com 100% dos votos. Daqui a um bocado o teu braço fica com uma cãibra.

- Primeiro porque essa junta de freguesia não existe. Mas já que falas disso, se calhar não era nada má ideia criá-la. Tenho de falar com o meu pai. Mas conta, ficaste lá até que horas?

- Saí pouco tempo depois de teres ido embora. Como é que correu isso com o João? O rapaz ainda estava vivo?

- Coitado... sentia-se só.

- Mas por que é que não quis vir sair connosco?

- Estava cansado. Ficou a trabalhar até às onze. Quando lhe telefonei queria ir dormir, mas depois teve um súbito ataque de saudades e quis dar-me um beijinho. Mas agora não quero falar disso. Ontem viste alguma coisa que te interessasse ou ainda continuas obcecado pela Rita?

BANGH!!R-I-T-A! Vou sair brevemente deste diálogo para falar da Rita. Como é óbvio, não é uma prima minha. Consegui que passassem algumas linhas de diálogo sem falar nela. Uau. Completamente impossível há alguns meses. Devo estar a ficar curado.

Como já disse tenho trinta anos, sou publicitário e vivo sozinho. Esta última parte estou a dizer pela primeira vez. Quando andava na quarta classe tinha a certeza de que nesta idade já deveria ter barba branca, uma mulher e três filhos. Até agora: não, não e não.

E porquê? Mais vale só que mal acompanhado. Ando à procura da mulher perfeita. Linda e inteligente, mas sem ser uma daquelas chatas com a mania que é intelectual e

que a cada cinco palavras usa expressões fashion, estilo «a minha sala é muito Feng Shui», ou «hoje comprei uma roupa Hippie Chick», ou «sempre que acordo faço um pouco de Tai Chi». Nada na onda feminista independente com necessidade de afirmação que adora vestir gravatas em festas, porque acha que é o máximo.

Para além de um knock out visual, tem de ser doce, carinhosa, divertida e querida. Ao longo da minha vida só me foram aparecendo esboços dessa mulher.

Estava a começar a pensar em dedicar-me ao budismo e ir viver para o Tibete, quando conheci a Rita. Há dois anos. Ela salvou-me de cometer um cliché. Ufff...

Amor à primeira vista? Não. A primeira vez que a vi era mais uma pessoa que também respirava oxigénio. Era a produtora de moda de um cliente da minha agência. Eu não sou o dono, trabalho lá. Era a pessoa que eu deveria contactar para apresentar as nossas propostas. Simpática, mas nada mais do que isso.

Os dias passaram e os telefonemas foram-se sucedendo. Mas só falávamos de trabalho. Prazos de entregas, cores, orçamentos... enfim essas coisas chatas que não vou estar aqui a descrever.

Até que um dia recebi uns documentos e um cartão de visita dela, com uma pequena mensagem. «Espero que esteja tudo em ordem. Use o mail sempre que me quiser chatear. Beijinhos Rita.»

Bum! «Sempre que me quiser chatear!» Ela estava a dar o primeiro passo. Daquela forma muito subtil que vocês mulheres adoram: um não quer dizer talvez e um talvez significa sim; nunca podem é dizer sim senão acham que nós pensamos que são umas oferecidas.

O que deveria fazer?

100-0. 80-20. 60-40. 50-50. 40-60. 20-80. 0-100. Isto não é o resultado dos jogos desta temporada da NBA, mas sim a evolução do tempo que falávamos de trabalho versus conversas pessoais. Inicialmente estávamos cheios de produtividade. Mas em apenas quatro semanas, layouts, gráficos e dead lines foram enterrados debaixo de terra.

Até essa altura só nos tínhamos visto na primeira reunião. Já nem me recordava como ela era. Alta? Baixa? Magra? Gorda? Só me lembrava que tinha um sorriso tão delicioso, que se fosse uma fotografia seria um pôr do Sol no Hawai por detrás de uma palmeira.

Essas quatro semanas foram estilo Club Med. Acordava de manhã a pensar nela. Telefonávamo-nos de meia em meia hora. Quando me deitava imaginava que ela era a almofada. Enfim, fazí amos todas essas coisas normais de pessoas completamente apaixonadas e que vocês sabem muito bem.

O estranho é que só nos tínhamos visto uma vez. Eu estava apaixonado pela dona de uma voz. E pelos vistos ela também.

Chegou o momento do «até que». Até que... quando combinámos sair pelo primeira vez e depois de uma looonga conversa sobre relações, estilo talk show da Luisa Castel-Branco, ela disse-me: «Tenho de confessar-te uma coisa... sou divorciada... aliás estou a divorciar-me... bem, vou divorciar-me... hummm, tenciono divorciar-me.»

Senti que estava no meio de uma tempestade e que tinha sido atingido por um relâmpago. Bzzzzzzzz. Queria dizer qualquer coisa, mas a minha língua não obedecia. Pensei usar um dedo para dar toques no bocal do telefone, para fazer código morse, mas o meu braço também não reagia às ordens do meu cérebro.

Senti-me completamente enganado. Uma coisa tão importante e ela não tinha sido capaz de me dar a mais pequena pista. E agora, o que é que iria fazer? A minha mulher perfeita, afinal não era assim tão perfeita. Tinha-me escondido algo muito importante.

Peço desculpa, mas tenho de interromper este relato, porque a Madalena não pára de bater no meu braço.

- Hei - berra ela. - Estás vivo? Hipnotizaste-te? Entraste em transe?

- Quase

- Rita. Aposto!? Estavas a lembrar-te de que parte: daquela em que foi uma cabra para ti? da outra em que foi novamente cabra? ou... - a Madalena é interrompida por uma voz.

- Olá. Estão bons? - é a Marta. - Combinei vir aqui almoçar com a Carlota.

- Olá - respondemos em coro.

Por favor Madalena, não digas o que estou a imaginar. Please. Peço-te. Não. Ouve os meus pensamentos. Olha para os meus olhos. Estou a enviar-te sinais. Não, não...

- Querem almoçar connosco?- pergunta-lhe a Madalena.

Mas porquê? Fui arrastado da cama às dez da manhã. Vim de Lisboa para o Guincho. O meu carro guinchou até chegar ao restaurante e ainda por cima vou ter de almoçar com a Marta, a amiga semienalhada e a Carlota, a totalmente desesperada. São óptimas miúdas, gosto muito delas, mas preferia almoçar sozinho com a Madalena.

- Ontem à noite eu e a Carlota fomos a uma festa que foi o máximo. Na quinta do Martim Maria Sottomayor em Azeitão. Estava lá toda a gente. A *Eles e Elas* e a *O Quê?* fartaram-se de nos tirar fotografias e... - a Marta é interrompida por uma voz bêbeda de felicidade.

- Olá. Olá. Estão bons?

A Carlota acaba de se juntar ao grupo.

- A Marta já vos contou? - a Carlota mete a primeira e arranca. - Ontem fomos a uma festa... o máximo. E sabem que mais? Adivinhem?

- Estava lá toda a gente... - sou interrompido antes do final da minha resposta.

- Encontrei o homem da minha vida - diz a Carlota, irradiando felicidade por todos os poros.

Só um pequeno comentário: a Carlota e a Marta são as duas maiores amigas da Madalena. A Carlota trabalha numa empresa de organização de festas de um amigo da família. Também entrou na fase tic-tac-tic-tac. Está desesperada por casar e ter filhos. No plural e quantos mais, melhor. Todos os homens que conhece tem a certeza de serem «o homem da minha vida». Talvez a frase que mais vezes diz. Tem vinte e oito anos e não quer chegar aos vinte e nove, sem se ter vestido de branco numa igreja e uma lua-de-mel algures numa ilha da Polinésia.

Apesar de ser um óptimo partido, sempre que começa a falar em babygrows e padres, os namorados vão comprar cigarros e nunca mais regressam. Enquanto está no período fronteiro entre dois namorados, vai a todas as festas sempre na esperança de conhecer um amigo de um amigo, para relacionamento sério. É a maior apoiante da Madalena na relação com o João. Aliás, excep tuando a família e tios, é a única que acha terem sido feitos um para o outro.

A Marta é a semienalhada. Tem vinte e oito anos e anda com um homem dez anos mais velho do que ela, casado e pai de duas meninas. Anda nesta relação há mais de três anos. Ele diz que: a) adora-a como nunca

adorou ninguém, excepto as filhas; b) se pudesse divorciava-se da mulher mas, para o bem das miúdas não acha ser o momento mais oportuno.

Só se encontram à noite, durante a semana e pouco mais. Ao fim-de-semana está proibida de lhe ligar. Quanto muito ele manda uns sms quando vê que a mulher não está por perto. Segundo a Madalena, ela era divertidíssima, mas agora é uma mistura de depressão-felicidade-irritação-conformismo. Sempre que a Carlota está solteira acompanha-a a todas as festas.

Vou voltar de novo para a conversa, porque temos de encomendar o almoço.

- ... e tem um BMW - continua Carlota. - Vai comprar uma casa num condomínio com vista para o rio, tem imenso estilo a vestir, adora ir fazer esqui, abre-me a porta do carro e trata-me por você. O que é que eu podia pedir mais? No outro dia fui ao astrólogo e ele bem que me disse que este ano ia encontrar a minha cara metade.

- Vê lá se deixas passar pelo menos uns três meses antes de começares a falar de carrinhos para bebés, rocas e chuchas - diz a Madalena.

- E quando é que tu e o João finalmente pensam em casar? Não acham que já namoram há tempo demais? - pergunta a Carlota mais entusiasmada do que se tivesse ganho a lotaria.

- Ainda é muito cedo.

- Cedo para quê? - continua a Carlota. - Namoram há quase seis anos, adoram-se, os teus pais já o consideram como um filho e ainda por cima os dois têm dinheiro. Não precisam de mais nada. Certo?

A Madalena não consegue responder. Na realidade tudo o que a Carlota está a dizer faz sentido na teoria. Mas apenas e tão-só na teoria. Porque no fundo, a Madalena

tem muitas dúvidas sobre o que realmente sente pelo João.

- Carlota, eu gosto muito do João. Ele para mim é como se fosse um irmão. É o meu melhor amigo e como é óbvio um dia...

- Não acredito no que acabaste de dizer - interrompe Marta. - Disseste que ele é como se fosse um irmão?! Definitivamente não te deves casar com ele. Quando uma mulher diz que o seu namorado é como um irmão é porque não há vida sexual.

A Marta e a Carlota sempre foram muito parecidas. Mas desde que começou o relacionamento com o senhor casado, a Marta passou a ver a vida de uma forma muito fria.

- Ó Marta - diz a Carlota. - Não sejas assim. Ela dizer que o vê como um irmão é um óptimo sinal. Significa que têm imensa intimidade. Eu acho isso fantástico. Quem me dera arranjar um namorado e ter uma relação tão boa como a da Madalena com o João. Por exemplo: aposto que quando ele tem de trabalhar no estrangeiro, a Madalena fica cheia de saudades.

- Sim - diz a Madalena. - De facto estranho bastante essas ausências. Estou muito habituada à presença dele.

- Estás a ver Marta, o que eu te disse? Tu é que tens uma visão muito negativa das relações.

- Mas é tão raro eles estarem juntos - continua a Marta.

- Sim, mas isso é para não se cansarem um do outro. Numa relação é bom não estarmos sempre presentes para o outro sentir a nossa falta - diz a Carlota.

- Exactamente - confirma a Madalena.

- O amor numa relação constrói-se com a presença das pessoas; não é baseado na saudade da ausência - digo eu. - Continuem com essas ideias e acabarão encalhadas

e tristes, ou então mal acompanhadas, desesperadas e ainda mais tristes.

Shhhhh. Silêncio absoluto. Excepto as gaivotas e o barulho das ondas que se estão perfeitamente nas tintas para o que eu disse agora mesmo. Uuups. Acabei de pôr o dedo na ferida. A Madalena olha para mim como se eu tivesse cometido os sete pecados todos de seguida.

É muito raro dizer alguma coisa sobre o futuro da relação dela com o João. Ela sabe que eu penso que ele não é homem para ela, mas como somos amigos tenho de respeitar as suas decisões. Até hoje nunca tinha traçado um panorama tão negro para a vida dela com o João. Nada que, se calhar, ela já não tivesse pensado. Mas nada que alguém já lhe tivesse dito na cara.

A Carlota e a Marta recomeçam a falar da festa, e eu sinto que a Madalena entrou num universo só dela. Em planícies de perguntas. Vales de dúvidas. E manadas de confusões. Hoje estou mesmo inspirado.

A comida chegou e durante vinte minutos nem eu nem a Madalena abrimos a boca. Até que a Marta percebe que o clima entre nós os dois está de chuva torrencial e pede para contarmos como nos conhecemos. Ela sabe que adoramos relatar essa história.

- Essa noite foi tão gira - começa a Madalena. - Já lá vão dois anos. Nunca mais me irei esquecer da festa.

- E tu nem querias ir - diz a Carlota.

- Pois não - continua a Madalena. - Só fui porque vocês disseram à minha mãe para me obrigar a ir.

- A moradia que o Pedro Albuquerque alugou em frente ao mar para aquela festa era o máximo - declaração da Carlota.

- Pois era. E a mim só me apetecia ficar em casa porque tinha dado uns beijos ao Martim, tinha pedido um tempo

ao João e estava muito confusa. Apetecia-me tudo menos estar numa festa, onde só se iriam fazer três coisas: beber, dançar e ir para os quartos lá de cima.

- Mas olha que havia lá uns rapazes bem giros - diz a Carlota.

- Por volta da uma decidi sentar-me na relva e olhar para o reflexo da lua no mar - começa a Madalena sem ligar ao comentário da Carlota. - Queria ver se descobria alguma resposta para a minha vida. Já lá devia estar há uns dez minutos quando atrás de mim uma voz disse...

- «Posso-me sentar ou está à espera de alguém?» - interrompo eu. - E tu respondeste...

- «Só se não vier dizer que tenho uns olhos lindos, que nunca conheceu ninguém como eu e essas tretas todas que vocês adoram.» Juro que estava à espera que te fosses embora.

- E pensei nisso.

- Mas sentaste-te. E eu comecei a falar. Primeiro sobre a festa. Depois sobre o luar. E finalmente sobre a minha vida. Nem sei o que me deu, mas contei tudo o que se estava a passar entre mim e o João: como sentia que a nossa relação estava estagnada, como não fazia nada de estimulante com ele, como não queria ficar igual às amigas da minha mãe...

- E eu nem abri a boca. Limitei-me a ouvir-te. Notei que precisavas de desabafar.

- relatei toda a minha vida a um estranho. Senti uma grande segurança com a tua presença. Ficámos lá durante umas três horas, até que tu dizes...

- «Venha comigo. Não pergunte onde» - repito aquela frase de há dois anos.

- Pela primeira vez na minha vida senti que tinha de me deixar levar pelo momento, sem estar muito preocupada

se alguém iria aprovar ou não.

- Eu achei estranhíssimo quando vieste ter comigo e disseste que já te ias embora - relembra a Marta. - Nem me deste tempo de perguntar com quem.

- Estava intrigadíssima, sem imaginar para onde iríamos - continua a Madalena. - Juro que achava que ias levar-me para o Cabo da Roca ver o nascer do dia, sempre na esperança de me conseguires beijar.

- Só que meti-me pela auto-estrada a caminho de Lisboa.

- Pois foi... o mistério começava a adensar-se. Estiveste calado todo o tempo e eu sentia que algo de mágico ia acontecer. Não quis estragar aquele momento a falar de novo sobre como estava confusa.

- Até que chegámos ao aeroporto.

- Pensei que eras maluco. O que é que estávamos a fazer no aeroporto às cinco da manhã?!?

- Saímos do carro, entrámos e eu disse-te...

- «Escolha um destino. Vamos agora para qualquer parte do mundo» - interrompe a Madalena. - Continuei a pensar que eras louco. Não tinha avisado ninguém, não tinha a mala feita, nem sequer uma escova de dentes. Mas nunca mais hei-de esquecer as tuas palavras: «Se assim fosse não tinha graça nenhuma. Quer continuar a lastimar-se por não viver a sua vida, ou começar a divertir-se?» E com essa conseguiste convencer-me. Apanhámos o voo das sete da manhã para Londres. Quando liguei aos meus pais no dia seguinte eles nem queriam acreditar. Só me perguntavam «mas quem é ele?», «nós conhecemos?».

- Estiveste uns cinco minutos a dizer «Não se preocupem, estou bem, estou bem». Ninguém repetiu essa expressão tantas vezes em tão pouco tempo.

- Foram os dois dias mais libertadores da minha vida. Nunca me tinha sentido tão independente. Pela primeira vez encontrava-me realmente viva, porque fazia uma coisa que queria mesmo e não aquilo que estavam à espera de mim. Apesar de já ter ido a Londres mais de dez vezes, aquela era a mais especial.

- Lembras-te de quando fomos de táxi para Oxford? - pergunto-lhe.

- A cara do taxista... ele nem queria acreditar quando chegaste ao pé dele e perguntaste se nos levava a Oxford. Ao princípio ainda pensou que era para Oxford Street. Só uns segundos mais tarde percebeu que queríamos ir a Oxford, à cidade dos estudantes, a oitenta quilómetros de Londres.

- Devem ter gasto uma fortuna... - diz a Carlota.

- Já nem me lembro bem. Não foi barato, mas isso nem interessava nada. Apeteceu-nos e lá fomos nós - respondo-lhe.

- Quando lá chegámos percorremos as estreitas ruas de pedra, com milhares de anos de História à nossa volta. O tempo parecia ter parado - continua a Madalena como se estivesse auto-hipnotizada a lembrar-se desses dois dias.

- E quando nos sentámos na relva... lembras-te, Madalena? Não nos tínhamos apercebido de que era um jardim privado. De repente vemos um homem aos berros, com um pau na mão, um cão ao lado a correr na nossa direcção. «Get out, you bastards. Get out of my lawn!» Corremos, corremos e só parámos quando entrámos numa lojinha de antiguidades.

- Os donos eram tão simpáticos...

- Pudera, nunca deve lá ter entrado ninguém como tu. Saíste de lá com uns dez sacos.